

CLUBE DE CINEMA DA BAHIA

PEQUENO FESTIVAL DO FILME CLÁSSICO

Acervo Digital

SEGUNDA APRESENTAÇÃO:

15 DE AGOSTO DE 1955

Walter da Silveira
«CAMARADAS»

(«LA BELLE ÉQUIPE»)

O Pequeno Festival do Filme Clássico é realizado pelo Clube de Cinema da Bahia graças à gentileza do Centro de Estudos Cinematográficos de Belo Horizonte, ao qual os filmes pertencem, lhe sendo aqui expresso o nosso agradecimento.

FICHA TÉCNICA:

Realização *Julien Duvivier*
Argumento *Charles Spaak*
Fotografia *Jules Kruger*
Música *Maurice Yvain*
Interpretação *Jean Gabin, Charles Vanel, Viviane
Romance, Aimos*
Ano: 1936

FILMOGRAFIA DE JULIEN DUVIVIER

(Obras mais importantes)

1930: "David Golder". 1933: "Poil de Carotte"; "La Tête d'un Homme". 1934: "Marie Chapdelaine". 1935: "O Mártir do Gólgota" ("Golgotha"); "La Bandera". 1936: "La Belle Équipe"; "O Demónio da Algéria" ("Pépé-le-Moko"). 1937: "Um Carnet de Baile" ("Carnet de Bal"). 1939: "A Grande Valsa" ("The Great Waltz"), nos EE. UU. 1939: "La Fin du Jour"; "Un Tel Pere et Fils". Nos EE. UU.: 1941: "Lydia". 1942: "Seis Destinos" ("Tales of Manhattan"); "O Impostor" ("The Imposter"). 1943: "Mistérios da Vida" ("Flesh and Fantasy"). 1946, na França: "Pânico" ("Panique"). 1947, na Inglaterra: "Anna Karenina". 1949, na França: "Vítimas do Destino" ("Au Royaume des Cieux"). 1950, na França: "Sinfonia de uma Cidade" ("Sous le Ciel de Paris"). 1951, na Itália: "O Pequeno Mundo de Dom Camilo" ("Il piccolo mondo di Don Camillo"). 1952, na França: "Festa do Coração" ("La Fête à Henriette"); na Itália: "A Volta de Dom Camilo" ("Il ritorno di Don Camillo"). 1954: "L'Affaire Maurizius".

da

DADOS BIOGRÁFICOS

Nascido em Lille, em 1896, Duvivier, desde cedo, ingressou no teatro e, posteriormente, no cinema. Foi, sucessivamente, figurante, ator, realizador teatral, argumentista cinematográfico, por fim, e a partir de 1919, diretor de filmes, tendo à sua conta muitas películas da época do mudo, das quais é possível ressaltar "La Machine à refaire la Vie", um documentário, em colaboração com Henri Lepage, sobre a história do cinema.

Quando sobreveiu o falado é que sua carreira de cineasta ganhou notoriedade, podendo ser tido como dos raros realizadores cujos nomes são conhecidos pelo grande público, ao lado dos "astros" e "estrêlas". Por ocasião da guerra mundial, foi para Hollywood, onde teve um êxito comercial como "A Grande Valsa", mas não realizou um único filme à altura dos melhores que dirigira na França. Aliás, pode-se dizer que Duvivier,

sem dúvida um excelente artesão, um perfeito técnico da *mise-en-scène*, mas desprovido de um estilo pessoal, sempre foi muito atraído pelo sucesso comercial de seus filmes.

Em 1934, Duvivier recebeu o "Grand Prix du Cinéma Français" com "Marie Chapdelaine"; em 1937, na Bienal de Veneza, o prêmio do filme estrangeiro com "Un Carnet de Bal"; e em 1952, o prêmio "L'Écran d'Argent" com "Il Piccolo Mondo di Don Camillo".

OPINIÕES SOBRE DUVIVIER E "CAMARADAS"

"Se se tivesse de colocar este período (1934-1939) sob o signo de um nome, ter-se-ia de escolher este diretor. Não por ser o melhor, mas porque as suas qualidades e os seus defeitos são os do seu tempo. Talvez também por ser o que alcança maior ressonância mundial". — (Manuel Villegas López, "Cine Francés", pág. 151).

"Le crime de Monsieur Lange" de Jean Renoir e "La Belle Équipe" de Duvivier foram os filmes-testemunhos de 1935-1936, anos de conquista e de otimismo. O cinema francês era enfim de seu tempo". "Renoir, depois de "Monsieur Lange", quis realizar um novo argumento de Charles Spaak: "La Belle Équipe". Mas, Duvivier, que havia comprado o roteiro, o dirigiu e fez com ele um de seus melhores filmes". — (Georges Sadoul, "Histoire de l'Art du Cinéma", pág. 269 da 3ª edição).

"Em "La Belle Équipe", curioso filme estilo "Front Populaire" 1936 (onde, aliás, o povo não parece se distinguir da canalha, o que é estranho), Duvivier propunha duas conclusões, de acordo com o público, uma feliz, e outra infeliz. Ele é o mais afreguezado dos comerciantes..." — (Maurice Bardeche et Robert Brasilach, "Histoire du Cinéma", págs. 400/401 da edição de 1948).

"Duvivier ocupou no cinema francês de antes da guerra um lugar que põe hoje fora de discussão qualquer excesso de complacência a seu respeito". — (Jean-José Richer, "Boulimie de Julien Duvivier", in "Cahiers du Cinéma", nº 37, págs. 49/50).

"Todos os filmes de Duvivier contêm momentos de artesanato tão admiráveis que se desejaria tomá-lo a sério, mas como fazê-lo se é necessário tomar a sua obra como um todo?" — (Paul Rotha e Richard Griffiths. "The Film Till Now", pág. 532).